



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LETRAS - ESPANHOL**

SIMONE CAETANO DE MELO

**ANÁLISE DAS CRÍTICAS CONTRA A DITADURA MILITAR NA ARGENTINA
PRESENTES NO ROMANCE *LOS PICHICIEGOS* DE RODOLFO FOGWILL**

**CAMPINA GRANDE-PB
2017**

SIMONE CAETANO DE MELO

**ANÁLISE DAS CRÍTICAS CONTRA A DITADURA MILITAR NA ARGENTINA
PRESENTES NO ROMANCE *LOS PICHICIEGOS* DE RODOLFO FOGWILL**

Trabalho de Conclusão de Curso ao Programa de Graduação em Letras-espanhol da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras Espanhol.

Área de concentração: Literatura Hispano americana.

Orientador: Prof.: Luciene Fernandes Carneiro Giordano.

**CAMPINA GRANDE-PB
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S528a Melo, Simone Caetano de
Análise das críticas contra a ditadura militar na Argentina
presentes no romance los Pichiciegos de Rodolfo Fogwill
[manuscrito] / Simone Caetano De Melo. - 2017.
24 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2017.

"Orientação: Prof. Esp. Luciene Fernandes Carneiro
Giordano, Departamento de Letras e artes".

1. Ditadura Militar 2. Romance 3. Guerra I. Título.

21. ed. CDD 890

SIMONE CAETANO DE MELO

ANÁLISE DAS CRÍTICAS CONTRA A DITADURA MILITAR NA ARGENTINA
PRESENTES NO ROMANCE *LOS PICHICIEGOS* DE RODOLFO FOGWILL

Aprovada em: 01/08/2017.

Luciene Fernandes Carneiro Giordano Nota: 9,0
Prof. Luciene Fernandes Carneiro Giordano – UEPB
Orientadora

Dr. Cristina Bongestab Nota: 9,0
Prof. Dr. Cristina Bongestab – UEPB
1ª Examinadora

Ingrid Silva de Araújo Nota: 9,0
Prof. Me. Ingrid Silva de Araújo - UEPB
2ª Examinadora

A minha família e principalmente a minha mãe
ISABEL CRISTINA, que já não está mais presente
fisicamente, mas vive eternamente em nossa memória,
que sempre me apoiou e acreditou em mim, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me concedeu a oportunidade de está concluindo este curso e que está sempre comigo, sendo meu porto seguro.

À professora Luciene Carneiro pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação e empenho, para que houvesse bons resultados deste trabalho.

À toda minha família, em especial aos meus irmãos Geovane e júnior e meu pai Nelson Caetano, que sempre me incentivou de alguma maneira e amigos.

À minha mãe Isabel Cristina (*in memorian*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força. A qual ficaria muito feliz com este momento, pois sonhamos juntas o momento da minha formação acadêmica.

Aos professores do Curso de Letras-Espanhol da UEPB, em especial, a professora Ariadne Costa da Mata, que me orientou, quando este trabalho ainda era apenas uma idéia solta e de uma forma muito atenciosa me ajudou a definir meu tema.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio, principalmente Ana, Viviane, Monique, Janyere, Elyonara, Lissandro e Bruna, obrigado também pelos momentos de aprendizados juntos.

Muito obrigado a banca examinadora composta pelas professoras Ingrid Silva e Cristina Bongestab, que aceitaram meu convite de uma forma muito atenciosa.

Obrigado também pela oportunidade de participar do PIBID, projeto que me incentivou de maneira muito positiva e me fez realmente colocar em prática tudo o que aprendi no curso de Letras Espanhol.

“En fin nada peor que estar enfermo de literatura. Corrijo nada peor, para La literatura, que está enfermo de literatura.” (FOGWILL).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 DESCRIÇÃO HISTÓRICA QUANTO AO DESCOBRIMENTO DAS MALVINAS.....	12
2.2 A GUERRA NAS MALVINAS (1982): CONFLITO ENTRE ARGENTINA E REINO UNIDO	13
2.3 DITADURA MILITAR NA ARGENTINA (1976-1983)	16
2.4 LOS PICHICIEGOS: ANÁLISE DAS CRÍTICAS DE FOGWILL CONTRA A DITADURA MILITAR NA ARGENTINA (1976-1983)	18
3 CONCLUSÃO.....	23

ANÁLISE DAS CRÍTICAS CONTRA A DITADURA MILITAR NA ARGENTINA PRESENTES NO ROMANCE LOS PICHICIEGOS DE RODOLFO FOGWILL

Simone Caetano de Melo

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo analisar as críticas contra a ditadura militar na Argentina feita pelo escritor argentino contemporâneo Rodolfo Enrique Fogwill no seu romance intitulado *Los pichiciegos*, publicado em 1983. O romance narra duas problemáticas ao mesmo tempo por meio da ficção, de um lado se narra a guerra das Malvinas e de outro a ditadura militar argentina (1976-1983). O uso de vários recursos literários permite ao autor fazer uma ponte entre a guerra e o momento de grande repressão vivido pelos argentinos em seus anos de ditadura. O trabalho frisa ainda trazer o contexto histórico em que se dissolve tais conflitos, pois são de extrema importância para que se entenda o romance em seu sentido amplo. Muitos autores, principalmente argentinos tem se dedicado a estudar a questão da soberania das Ilhas Malvinas, no entanto, a falta de documentação dificulta a resposta que tanto buscam. Rodolfo Fogwill se preocupa em mostrar através de seu romance o que a ditadura estava causando a Argentina e como o governo autoritário fazia que cada vez mais o país não obtivesse crescimento, fazendo com que a nação argentina ficasse marcada por uma época de tortura, baseada pelo medo, silêncio, marcas essas que, todavia, estão presentes em suas memórias. Muitos estudiosos inclusive o próprio Fogwill reprovam a decisão irresponsável de Leopoldo Galtieri, o ditador que estava no poder em 1982, ano do conflito entre Argentina e Reino Unido.

Palavras-chave: Rodolfo Fogwill. Ditadura. Argentina. Malvinas.

1 INTRODUÇÃO

A ditadura militar na Argentina, compreendida entre os anos de 1976 e 1983 gerou uma série de traumas a sociedade argentina, traumas esses que ainda nos dias atuais permeiam o país. Foi considerada a ditadura mais sanguinária da América do Sul, onde acontecia frequentemente as mais diversas atrocidades como, por exemplo, o desaparecimento de pessoas, adoções ilegais, mortes e torturas. Os ditadores procuravam não deixar nenhum vestígio relativo às atrocidades cometidas para que não fossem julgados, como afirma Novarro (2007).

Desde 1960 os países que faziam parte do cone sul enfrentavam um grande avanço dos militares no poder, outros países como, por exemplo, Brasil e Chile enfrentaram este período de repressão. Os militares justificavam a ditadura como uma forma de defesa do país contra a ameaça comunista, que segundo os ditadores rondavam estes dois países. É interessante lembrar que a situação econômica, social e política contribuiu de uma certa forma para o golpe militar. Assim, é nesse cenário que em 1982 a Argentina, liderada pelo general Leopoldo Galtieri, decide lutar pela soberania das Ilhas Malvinas contra o Reino Unido que ocupava as ilhas desde 1833. Considerando a complexidade do assunto, mesmo cientes da importância dos detalhes e que o tema precisa ser examinado com mais profundidade, decidimos analisar as críticas contra a ditadura militar na Argentina (1976-1983) dentro do romance *Los pichiciegos* (1983) de Rodolfo Fogwill, escritor e sociólogo argentino do século XX, e nossa escolha por este romance se dá em razão da leitura desta narrativa de Fogwill que nos propiciou uma boa reflexão e a possibilidade de criticar esta obra literária a partir do ângulo sócio-histórico, elaboramos nosso estudo a luz de Novarro e Palermo (2007) que aborda desde o período em que acontece o golpe militar em 1976 até o período de redemocratização, com a eleição de Alfonsi em 1983, Paulo Queiroz Duarte (1986) que se preocupa com o estudo sobre o descobrimento das Malvinas, Marina Rios (2009) que discorre sobre a experiência narrativa em *Los pichiciegos* e Beatriz Sarlo (1994) que aborda a guerra das Malvinas numa perspectiva literária.

Dessa forma o artigo tem como objetivo analisar em particular a forma como Rodolfo Fogwill critica a ditadura na Argentina dentro da sua obra *Los pichiciegos*, admitindo que o autor escreve seu romance no momento em que a Argentina ainda está sob efeito da repressão e por esta razão Fogwill o escreve desde fora, pois este se encontrava no Brasil, em resumo nosso trabalho busca investigar que recursos o autor usa para criticar e chamar a

atenção da sociedade argentina para mostrar-lhes que mesmo em meio a uma época dominada pela repressão é possível encontrar formas de narrar sua subjetividade.

Provavelmente Fogwill, assim como outros autores, encontraram na literatura um meio para fazer críticas à situação que vigorava na Argentina no período em que a obra foi escrita, momento em que a ditadura já mostrava que estava se encaminhando para seu fim e a luta pela soberania das Ilhas Malvinas funcionaria como um plano de Leopoldo Galtieri, então general que comandava o governo da Argentina, que justificaria a repressão e a censura sob seu comando.

Dessa forma, nossa análise revela a partir da narrativa de Fogwill um momento histórico que deve sempre ser examinado em primeiro lugar por sua complexidade e em seguida porque a ditadura deixou marcas físicas e psicológicas, que ainda hoje não foram superadas, pois muitas pessoas continuam desaparecidas, mais precisamente a contínua luta das mulheres que saíam em manifestações contra os ditadores e que ficaram conhecidas como “avós da praça de maio” que até agora conseguiram recuperar 119 dos 500 bebês desaparecidos. A escolha do nosso tema é interessante por abranger a importância da democracia para um país e como governos autoritários, que privilegiam somente a burguesia, atingem de uma forma muito negativa a maior parte da população, mais precisamente a massa. Então, a obra de Fogwill nesse aspecto nos faz pensar sobre o impacto dos governos nos dias atuais, pois muitas vezes não se examina a influência destes governos na sociedade, como também a forma que abrange até mesmo os direitos humanos porque, tão duramente violados durante o regime ditatorial, ocasiona mudanças na percepção social de humanidade.

A propósito do que foi argumentado anteriormente, para nossa análise usamos como suporte teórico a obra *A Ditadura Militar na Argentina (1976-1983) do golpe estado à restauração da democrática* de Novarro e Palermo (2007), também alguns artigos relevantes, disponíveis via internet como: *El descubrimiento de las Islas Malvinas y su predescubrimiento presunto* (1994) de Languarda Trias, *La cuestión Malvinas em perspectiva histórica* (1983) de Etchepareborda, *Conflicto Malvinas* (1986) de Duarte, *No olvidar La guerra: sobre cine, literatura e história* (1994) de Beatriz Sarlo, *La experiencia narrativa de los pichiciegos* (2009) de Marina Rios. Como também algumas entrevistas concedidas por Rodolfo Fogwill, as quais tivemos acesso via internet, de grande relevância porque nortearam nossa análise, pois através destas entrevistas pudemos entender mais profundamente Fogwill, pois este fala diretamente da sua obra, fato que nos permitiu uma maior compreensão do contexto sócio-histórico.

Finalmente, é importante mencionar que nossa pesquisa está dividida em quatro partes, começando por um breve relato sobre a descrição histórica quanto ao descobrimento da ilha, abordando o trajeto das hipóteses que foram levantadas ao longo do tempo e sobre o verdadeiro descobridor das Malvinas, seguido pelo conflito entre Argentina e Reino Unido, de uma forma mais detalhada como se originou a guerra das Malvinas em 1982, pela posse das Malvinas, depois focando no contexto histórico em que se encontrava a Argentina na época da guerra e como os argentinos suportaram a guerra e por fim a parte mais essencial quando abordamos as críticas dentro da obra de Fogwill que, ao mesmo tempo que relata a guerra das Malvinas, expõe os problemas que os argentinos sofriam no período de ditadura que termina com a derrota da Argentina na conhecida guerra das Malvinas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O romance aqui tratado é composto de temáticas um pouco complexa, a guerra das Malvinas e a ditadura militar na Argentina, por isso é importante entender como tudo se originou, saber as hipóteses que foram levantadas ao longo do tempo quanto ao descobrimento das Malvinas até o conflito em si entre Argentina e Reino Unido lutando pela soberania das Ilhas Malvinas.

Por conseguinte fizemos um estudo quanto ao contexto histórico da Argentina na época da ditadura militar e finalmente analisamos as críticas do escritor Rodolfo Fogwill dentro do romance *LOS PICHICIEGOS*.

2.1 Descrição histórica quanto ao descobrimento das Malvinas

Com o objetivo de atender os objetivos propostos neste trabalho, nesta parte da revisão faremos uma pequena introdução sobre as possíveis hipóteses quanto ao descobrimento das ilhas Malvinas. Falar sobre o descobrimento dessa Ilha é um ponto bastante obscuro. As Malvinas é um arquipélago que consiste de duas ilhas maiores - Grande Malvina e Soledad - e 776 ilhas menores. A partir disso entenderemos como se originou o grande conflito entre Argentina e Reino Unido.

Pelo fato de existirem várias hipóteses e a falta de documentação que comprove quem verdadeiramente descobriu as Malvinas tem-se gerado uma grande preocupação por parte de alguns autores, principalmente autores argentinos. Eles têm se dedicado, estudando todas as fontes confiáveis e possíveis, mas ainda não se sabe de forma oficial quem seria o descobridor das Malvinas.

Em seu artigo, *El descubrimiento de las islas Malvinas y su predescubrimiento presunto*, o autor Tríos (1994) faz um estudo sobre o descobrimento das ilhas. De acordo com ele, a chegada da nau Santo Antônio às ilhas em 28 de julho de 1520 pode justificar que as tais foram realmente descobertas pelos espanhóis. Já para Duarte (1986), em 1520, alguns marinheiros da esquadra espanhola saem rumo a África do Sul, mas acabam pegando uma rota diferente e acabam chegando ao arquipélago. Outro autor também levanta a hipótese de que as ilhas teriam sido descoberta pelos espanhóis, segundo Etchepareborda (1983) os navegantes da expedição Magalhães pisaram na ilha, em 1520.

Entretanto, existem também as hipóteses levantadas pelos britânicos, para Duarte (1986), o navegador Francis Drake, pertencente à coroa britânica teria descoberto as ilhas em 1577. As Malvinas despertaram um maior interesse nos britânicos a partir do século 18, elas representavam a chave de todo o pacífico. Por conseguinte, há a hipótese também de que os franceses teriam chegado à ilha, porém, em 1767, eles reconheceram o direito da Espanha sobre as Malvinas. Ainda para os autores Etchepareborda e Duarte (1983), a hipótese mais confiável seria a de que as ilhas teriam sido descobertas pelos holandeses, em 1600, já que essa é a que possui mais documentos registrados descritos no Diário a Bordo.

Por algum tempo, a Espanha sustentou o direito de domínio sobre as ilhas por ser o arquipélago dependente do continente americano, onde a região da patagônia lhe pertencia. Em 1816, quando a Argentina se torna independente da coroa espanhola, herda todos os títulos e o direito também sobre os territórios. Os britânicos que até então mostravam, desde sempre, um grande interesse sobre as Malvinas, perceberam as debilidades da Argentina acerca do domínio das ilhas, foi então que em 1833, o Reino Unido invade aquele território conseguindo a soberania de todo território malvinense.

2.2 A guerra nas Malvinas (1982): conflito entre Argentina e Reino Unido

Nesta parte do trabalho abordaremos o conflito entre Argentina e Reino Unido na luta pela soberania das ilhas Malvinas, em 1982. O conflito chega até como chamar a ilha, para os britânicos a ilha é chamada de Falklands e para os argentinos de *Islas Malvinas*. As Ilhas Malvinas estão situadas a 300 milhas (483 km) da Argentina. Antes da guerra em 1982, foram várias as tentativas da Argentina para se discutir o assunto com o Reino Unido.

Em 1945, a Argentina leva o caso para a Organização das Nações Unidas (ONU), a qual tinha se formado a pouco tempo. E assim foi durante alguns anos seguidos, só houveram discussão entre esses dois países, mas nada foi resolvido. Foi então que em 1964 a ONU pediu que ambos encontrassem uma solução pacífica pela disputa da soberania. Nos anos

seguintes a Argentina tenta invadir as Malvinas chegando até sequestrar um piloto e fazendo quatro moradores reféns, mas não obtiveram sucesso e os argentinos logo se renderam e foram postos de volta ao seu país. Entre 1964 e 1981 os países conversaram várias vezes, mas em relação a questão da soberania nada foi resolvido.

Depois de quase um século da ocupação dos britânicos, em 1982 a Argentina decide lutar pelas Malvinas novamente. A Argentina alegava que o território das Ilhas Malvinas pertencia a mesma por herança da Espanha ao conseguirem sua independência em 1816. Além disso existiam fatores políticos envolvidos, onde a Argentina enfrentava uma ditadura e seu presidente Leopoldo Galtieri, o qual tinha pouca popularidade viu na guerra uma possibilidade de conseguir manter seu governo por outro lado o Reino Unido governado pela ministra Margareth Thatcher a qual também mostrava pouca popularidade usou a guerra como uma política interna

Em 02 de abril de 1982 a Argentina tomou a capital das ilhas Malvinas, Port Staley, que passou a ser chamado Puerto Argentino. Os britânicos tentaram de uma forma pacífica pedir que os argentinos deixassem a ilha como não houve acordo o conflito foi inevitável. Com base nos estudos de Duarte (1986) em março de 1982 já era de conhecimento que os satélites de observação dos Estados Unidos estavam vigiando a Argentina, e ao perceberem que os argentinos queriam realmente uma guerra se organizaram de forma rápida.

Os argentinos foram avisados da guerra através dos meios de comunicação na manhã do dia 02 de abril e logo se deslocaram a casa rosada com faixas e cartazes, onde aguardavam um pronunciamento do presidente Galtieri, já que as Malvinas significam um orgulho nacional para os argentinos. Por isso, mesmo com período ditatorial o nacionalismo foi maior para os argentinos e receberam a notícia com grande alegria “viva Argentina” e “viva las Malvinas”, assim cantavam.

De acordo com Martin (1992), Sir Anthony Parsons, representante do Reino Unido na ONU convocou uma sessão de emergência do conselho de segurança da ONU, exigiam que as tropas argentinas deixassem a ilha. O presidente da Argentina Galtieri declara em 1982: “Nossas forças só atuaram na medida do estritamente necessário”, e que a Argentina estava disposta “a retomar a via diplomática, que assegure institucionalizar a situação que alcançamos: a recuperação das Ilhas Malvinas, Geórgia do sul e Sandwich do sul.”.

Martin (1992) ainda discorre que com vários problemas internos que a Argentina estava enfrentando com a ditadura militar possibilitara as maiores vantagens para os britânicos, além disso eles possuíam a superioridade bélica, soldados altamente preparados, navios guerra de última geração, etc., enquanto a Argentina estava limitada na preparação dos

soldados, nos armamentos, etc. Sua única vantagem era a proximidade das ilhas, com tantos fatores assim era impossível obter êxito nessa guerra, e não obtiveram o apoio esperado dos Estados Unidos, que declarou estar neutro, mas sempre deu assistência aos ingleses.

A França por sua vez deu apoio também ao Reino Unido, chegou a passar informações aos britânicos para que os argentinos não pudessem mais comprar mísseis. Enquanto a Argentina só tinha o apoio de países da América do Sul e também da Líbia, Leopoldo Galtieri conseguiu com eles alguns armamentos em troca de frutas frescas e alguns belos cavalos. (PHILLIPS, 2014).

Segundo o site ***mundo estranho*** Argentina e Reino Unido eram países que nunca poderiam combater, pelas diferenças de preparação, a guerra das Malvinas não seria viável naquele momento e ainda assim revela quanto a preparação dos tais países:

ARGENTINA	REINO UNIDO
10 mil soldados	28 mil soldados
750 mortos	256 mortos
No ar: A frota era numerosa, mas antiga, composta principalmente por aviões <i>skyhawk</i> da década de 60.	No ar: armamentos modernos, caça-bombas a jato harrier e sea harrier eram poucos, mas rivalizaram com a numerosa frota argentina.
No mar: Inferiorizados, os argentinos apenas possuíam um porta-aviões e submarinos a diesel, que possuíam pouca autonomia embaixo d'água.	No mar: Além de dois porta-aviões, o grande destaque da esquadra britânica eram três submarinos de propulsão nuclear, que podiam ficar embaixo d'água por vários meses.
Em terra: A maioria desses 10 mil soldados argentinos não tinham a menos experiência militar. Mal armados e sem proteção contra o frio, já que a região das Malvinas apresentam baixas temperaturas, as tropas protagonizaram rendições em massa para o exército britânico.	Em terra: Além de possuir quase três vezes mais combatentes que a rival, os soldados britânicos eram todos profissionais e contavam com o moderno armamento da OTAN.

Os argentinos acabaram se rendendo depois de pouco mais de dois meses de guerra, o término da mesma trouxe o fim da ditadura na Argentina e o presidente Galtieri foi deposto,

enquanto que a primeira ministra do Reino Unido ganhou mais popularidade possibilitando sua reeleição.

As discussões sobre as Ilhas Malvinas ficaram suspensas até 1990, e depois de 30 anos do conflito o jornalista Carlos Nascimento do SBT repórter em 2012 volta as Malvinas para mostrar o cenário em que se passou a guerra, muitos lugares continuam iguais a 1982, ainda é possível encontrar restos de roupas dos soldados, restos de armamentos, que ali agora está como memória. Já nas Ilhas Malvinas existe um cemitério somente com os corpos de soldados que participaram da guerra, muitos deles não identificados até hoje.

2.3 Ditadura militar na Argentina (1976-1983)

Este capítulo terá como objetivo mostrar como foi a ditadura militar na Argentina. Os argentinos enfrentaram duas ditaduras a de 1966-1973 e 1976-1983, aqui nos remeteremos a focar na segunda, período compreendido entre 1976-1983. O país vinha até então sendo liderado pelos peronistas, isto é, movimento de massas argentino criado em torno da figura de Juan Domingo Perón, militar e estadista argentino, no entanto, o regime democrático estava enfraquecido, a situação não parecia muito favorável, a Argentina estava em crise e os militares defendiam que precisavam de uma reorganização nacional “ a profundidade da crise política, econômica e social proporcionou o quadro e as “razões” do golpe”, afirma Novarro (2007). Em 24 de março de 1976, três militares: Jorge Rafael Videla (exército), Orlando Agostini (da força aérea) e Eduardo Massera (da marinha) anunciam um golpe de estado, os tais justificavam o golpe além do descontentamento com o governo peronista também como uma forma de defender o país contra os comunistas, assim como aconteceu em outros países que passaram por ditadura, Videla assim resumiu:

Nunca foi tão grande a desordem no funcionamento do estado, conduzido por ineficiência num quadro de generalizada corrupção administrativa e de complacente demagogia. Pela primeira vez em sua história, a nação chegou à beira da suspensão de pagamentos [...] o uso indiscriminado da violência de diversos tipos afundou os habitantes da nação numa atmosfera de insegurança e temor angustiante. Finalmente, a falta de capacidade das instituições, manifestadas em suas fracassadas tentativas de produzir, em tempo, as urgentes e profundas soluções que o país requeria, conduziu a uma total paralisia do estado, frente a um vazio de poder incapaz de dinamizá-lo (mensagem 30.03.1976). (NOVARRO, 2007, p.30).

Videla se referia ao mal governo dos peronistas e usou como argumento toda crise que a Argentina vinha passando, os setores econômicos não andavam bem, e não estavam sabendo

como organizar o país, a população argentina temia que a qualquer momento seu salário fosse cortado por causa da profunda crise, era um governo totalmente despreparado que não obtinham êxito em suas tentativas de melhoramento e cada vez mais via-se a Argentina afundar. Por isso foi necessária uma reorganização nacional; era preciso que o país tivesse ordem segundo o discurso dos militares.

Os argentinos não estavam contentes com a forma de governo de Isabel Perón, a qual assumiu após a morte de Juan Domingo Perón em julho de 1974, fato que maturou ainda mais a idéia do golpe. Jorge Rafael Videla ao assumir a chefia do exército sabia que só precisaria esperar pacientemente o momento certo para anunciar o regime, já que era inevitável com todos os fatores que o país vinha enfrentando.

Após o golpe numa ação totalmente planejada pelas patrulhas militares a então presidente Isabel Perón e seus ministros que eram as figuras mais destacadas foram rapidamente presos, em seguida também ocorreu o mesmo com outras autoridades como delegados sindicais, militantes peronistas e de esquerda, jornalistas e intelectuais, os quais eram considerados “suspeitos”.

Nos primeiros dias do golpe se sentiu um “alívio”, diminuíram as manifestações por exemplo, mas a Argentina não sabia que aquele seria o período mais difícil que iam enfrentar, a ordem passou a funcionar a base do medo e em pouco tempo as pessoas perceberam o autoritarismo dos governantes.

Os militares americanos da School of Americas (Escola das Américas), essa escola é um instituto do departamento de defesa dos Estados Unidos, que em 1961 tinha o objetivo oficial de ensinar a “formação anti-comunista”, ensinavam para os militares latino americanos táticas para exterminar aqueles que se opunham ao regime, aquele que representasse uma ameaça comunista, além de métodos de tortura também como desaparecer com os indivíduos de modo que não deixasse rastros, assim se criam os centros de detenção clandestinos, “Enquanto estão desaparecidos, não podem haver nenhum tratamento especial, é uma incógnita, é um desaparecido, não tem entidade, não está vivo nem morto, está desaparecido.”

Esta é uma declaração histórica feita pelo general Jorge Rafael Videla durante uma entrevista a uma TV argentina em 1985 e nunca mostrou arrependimento pelos crimes que cometeu ao longo da ditadura, um dos principais centros de detenção clandestino foi o ESMA (Escola Mecânica da Armada), situada em Buenos Aires, que estava sobre o controle de Massera, entretanto além desse existiam ainda aproximadamente mais 240 outros centros clandestinos espalhados por toda Argentina.

Em 1978 a copa sediada pela Argentina traz por alguns momentos uma paz ao país que é tomado pelo sentimento nacionalista do futebol e muitos saem pelas ruas como uma forma de apoio aos jogadores argentinos, logo após a vitória na copa do mundo na sua própria casa, já se questionava de forma mais acentuada o grande número de desaparecidos, inclusive muitas pessoas de outros países se recusaram a participar da copa como uma forma de rechaço ao regime, a intenção do estado era que o regime ganhasse mais popularidade com a copa.

Segundo uma entrevista feita pelo Jornal Folha de São Paulo feita na Argentina em 24/03/2016 depois de 40 anos do golpe militar, calcula-se que cerca de 500 crianças desaparecidas tenham sido entregues a família de militares, é nesse contexto do desaparecimento dessas crianças que surge durante o regime a luta das “avós da praça de maio” liderada pela argentina Estela de Carloto, personagem chave na recuperação dessas crianças e na luta pelos direitos humanos, as avós reivindicavam que os militares falassem onde estavam seus netos e uma explicação para a morte de seus filhos, atualmente já foi possível encontrar 119 crianças por meio do teste de DNA. Muitos dizem que durante a copa do mundo de 1978 os gritos do estádio se confundiam com os gritos de sofrimentos de muitas pessoas que estavam presas no ESMA, que estava bem próximo do estádio.

Quanto à economia, o regime militar previa deixar esta parte para as indústrias, José Alfredo Martínez de Hoz, nomeado para ficar à frente da economia queria abrir a economia argentina para o exterior. Foi a partir daí que muitas empresas nacionais tiveram que fechar suas portas, sem falar da alta inflação que atingiu principalmente o proletariado. No final do regime a dívida externa tinha crescido 52%.

Na educação o regime procurou ter um controle minucioso, afirma Novarro (2007), e ainda diz que o tenente Jorge Gorberi ordenou a queima de vários livros, principalmente de literatura, justificava a queima dizendo “Era uma documentação perniciosa que afeta o intelecto e nossa maneira de ser cristã (...)”, deixando claro que não lhes interessavam participação popular de nenhuma forma.

2.4 *Los pichiciegos*: Análise das críticas de Fogwill contra a ditadura militar na Argentina (1976-1983)

Neste capítulo, pretendemos fazer uma análise das críticas do sociólogo e escritor contemporâneo argentino Rodolfo Fogwill contra a ditadura na argentina compreendida entre 1976-1983. Fogwill foi professor da Universidade de Buenos Aires e após a instauração do regime ditatorial foi afastado de sua função por ser considerado um comunista, através da sua

obra *Los Pichiciegos*, à qual ele escreveu em um curto período de tempo, apenas três dias, alguns dias antes do término do conflito entre Argentina e Reino Unido. Numa entrevista a um programa espanhol chamado Nostromo Fogwill é questionado pelo pouco tempo que levou para escrever sua obra e declara que muitos autores têm medo do leitor e por isso ficam rebuscando as melhores e mais sofisticadas palavras e que ele não se deteve a esse aspecto, seu intuito era terminar “Los Pichiciegos” antes da guerra acabar para que sua obra fosse única. E sem dúvida se tornou a maior obra de ficção que conta em um sentido completo a guerra das Malvinas e que vai mais além deixando em evidência aspectos políticos, sociais e econômicos da Argentina. A obra que é uma história de ficção, foi mais tarde adaptada ao teatro e inspirou dois filmes argentinos.

O romance conta a história dos soldados argentinos que foram convocados de várias partes da Argentina para lutar na guerra das Malvinas, depois de uma decisão irresponsável do atual ditador da Argentina Leopoldo Galtieri contra o Reino Unido, no entanto um pequeno grupo de soldados decide refugiar-se no subterrâneo das Ilhas Malvinas e não lutam diretamente na guerra e isso está totalmente ligado à situação política do país, que estava enfrentando uma ditadura bastante cruel e autoritária. Toda a história gira em torno da busca pela sobrevivência e hora e outra surgem aspectos que remetem a ditadura argentina.

O lugar onde se refugiaram é denominado “la pichicera” e os que ali estavam de “pichis”, uma alusão a um animal que vive no subterrâneo da região argentina, geralmente só sai pela noite. O nome surge quando um dos soldados fala que está com vontade de comer um pichiciego e os demais não conheciam o animal “*Desde entonces, entre ellos, empezaron a llamarse los pichis*”. (FOGWILL, 1983, p.29)

A primeira coisa interessante é que os pichis tinham consciência de que não teriam chance de lutar contra um país já desenvolvido, que contavam com apoios internacionais. “*un cohete explotó a un jeep: cuentan que cada uno de esos cohetes británicos los cuesta a ellos treinta veces más caro que los mejores jeeps británicos*” (FOGWILL, 1983, p.22).

Na pichicera havia uma divisão, os que dominavam e os que eram dominados, os reis magos eram quem comandavam todo espaço e todos deviam obedecer, sem questionar nada e aceitar tudo.

-Qué, ustedes? ¿Quiénes son ustedes? quería saber.

-Los magos, los cuatro reyes...

-Quiénes? -preguntaba extrañado.

-nosotros: los que mandaban. ¡Ya lo vas a ir entiendo...! prometió, Rubione no volvió a preguntar (FOGWILL, 1983, p.23)

Assim se encontrava a Argentina, tomada por um período de silêncio, ninguém podia se opor aos militares, pois aquele que ousasse representar uma ameaça era vítima de várias atrocidades, uma época que não se podia questionar nada de forma alguma, muitos sequestros e desaparecimentos aconteceram entre outros terrores, as pessoas eram obrigadas a aceitar as ordens imposta pelo estado. Os reis magos são usados por Fogwill como uma metáfora para classificar a hierarquia dentro da “pichicera”, onde também existiam regras, eles não admitiam soldados feridos ou doentes, porque não se podia garantir a sobrevivência dos demais.

Em *Los pichiciegos* é trazido pelo autor também de uma forma bastante corajosa o nome dos ditadores, principalmente Jorge Rafael Videla:

-Videla dicen que mato a quince mil-dijo uno, el puntano.
 -Quince mil... no pude ser!
 -Cómo, Videla? -preguntó el turco, dudaba.
 -sí, Videla hizo fusilar a diez mil-dijo otro.
 - ¡Salí, estás en pedo vos...! -dijo Pipo.
 -Qué pedo! ¡Está escrito! -hablaba el puntano-yo lo vi escrito en un libro, en la parroquia de San Luis está. ¡Quince mil!
 -Estás mamado!
 -Qué mamado, están los nombres de todos, uno por uno, los que mandó fusilar Videla.
 -No pueden haber sido tantos-dijo el turco. (FOGWILL, 1983, p.49)

Os pichis comentam entre si sobre as mortes ordenadas pelo ditador Videla, muitos chegam a desacreditar que ele pudesse matar tantas pessoas, a finalidade do governo era acabar com toda subversão, qualquer que se opunham aos tais eram sequestrados, levados para o ESMA ou outro centro de detenção clandestino, onde eram friamente torturados até a morte, geralmente as mulheres grávidas ficavam no porão desses centros e logo ao dar à luz seus filhos eram entregues a outras famílias e elas eram mortas, o interessante é que Videla já tinha uma lista de todos os nomes que deveriam ser fuzilados. Como podemos perceber no diálogo entre os pichis a igreja católica também apoiava a ditadura militar, a mesma assim como os militares queriam afastar as ameaças comunistas, com sua crença ateuista, e ao crescimento inerente dos movimentos de esquerda a partir dos anos 1960.

Muitos sacerdotes apoiavam fielmente o regime ditatorial e aqueles que por alguma razão não simpatizasse com regime eram logo entregues pelos seus superiores aos oficiais argentinos para serem torturados e muitas vezes assassinados como outras tantas pessoas, foi o caso de alguns padres como por exemplo Jaime de Nevares, Esteban Hesayne, entre outros,

que não estavam de acordo com a igreja católica, a qual é considerada por muitos estudiosos como cúmplice silenciosa daquele horror. Um dos nomes que mais se destacou como simpatizante do regime foi o do sacerdote Christian Von Wernich Bergoglio, que junto com os militares argentinos praticou as mais diversas formas de torturas. Anos mais tarde Bergoglio, como sintetiza Sousa (2011), foi condenado à prisão perpétua, acusado de 7 homicídios, 31 casos de tortura e 42 sequestros durante a ditadura argentina de 1976-1983 revelando a conivência da igreja católica com o antigo regime militar.

A linguagem fragmentada entre os “pichis” tenta armar uma coerência (maquiavélica) da ditadura:

-Cuántos muertos? - preguntó alguien desde lo oscuro.
 -Cien apostó uno.
 -Mil-exageró otro.
 -Dos mil duplicó el primero.
 -Trescientos-corrigieron(...)
 -Videla dicen que mató a quince mil-dijo uno-el puntano [...]
 (FOGWILL, 1983, p.49).

É possível perceber ao longo do romance que os “pichis” fazem menção de três lugares ao mesmo tempo: as ilhas, a Argentina e ao túnel onde estavam, sendo assim uma experiência fragmentada da ditadura.

Dentro desse túnel ou “pichicera” estava presente um jovem ao qual lhe chamavam Galtieri, nome do ditador argentino que ordena a guerra, assim lhe chamavam, porque ele acreditava que a Argentina sairia vencedora daquela guerra como o ditador e uma forma também do Fogwill criticar o plano do Galtieri, pois não era inteligente, já que a Argentina não estava preparada para uma guerra:

-Para qué tantas bombas...
 -para amedrontar, para apurar La rendición.
 -Los de aca quieren, galtieri no.
 -yo qué no?
 -vos SOS galtieri? preguntaba Rubione al muchaco al que llamaban Galtieri.
 -sí, dijo el pibe. Era morocho y petesito.
 -y por qué te dicen Galtieri?
 -El sargento Le puso-dijo Viterbo-porque este pelotudo
 También creía que íbamos a ganar. (FOGWILL, 1983, p.52)

Durante ou até mesmo pouco tempo depois da ditadura militar na Argentina surgiram algumas formas de narrar alguns relatos, uma forma de expressar o horror daquela época, mas também um ato de memória e princípio reparador:

Enfrentada con una modalidad difícil de captar, porque muchos de sus sentidos permanecían ocultos, la literatura buscó modalidades más oblicuas (y no solo a causa de la censura) para colocarse a construir un sentido de la masa caótica de experiencias escindidas de sus explicaciones colectivas, (SARLO, 1978, p.34).

Em meio aos discursos dos pichis sempre é questionado por eles como esses ditadores podem chegar a tanta crueldade, muitas pessoas depois de torturadas e muitas vezes obrigados a dá informações eram consequentemente jogados ao mar, no Rio da prata e em outros lugares, sem que deixassem pistas, é tanto que muitos chegam a não acreditar quando escutam os relatos:

-yo también Había oído decir que los largaban al río desde los aviones, desde doce mil metros, pegás en el agua Y te convertís en un juguito espeso que no flota y se va con la corriente del fondo-indicó el ingeniero. (FOGWILL, 1983, p.50).

Durante o regime militar os chamados “voôs da morte” era uma das práticas favoritas dos ditadores, onde as pessoas eram levadas ainda vivas nos aviões depois de torturadas e eram largadas no Rio da prata principalmente, no intuito de não se encontrarem pistas contra os tais.

Como tem sido frisado frente ao silenciamento e ao medo da época foi preciso encontrar meios para despertar a sociedade, para representar a subjetividade acentuada. Fogwill também nos apresenta um ditador frio que diante de um discurso nacionalista manda soldados muito jovens, a maioria deles não chegavam aos vinte anos de idade: “*Tenía dicinueve años, como la mayoría de los pichis [...]*”, (FOGWILL, 1983, p.67). Conhecedores do que sucederia ao serem encontrados pelos oficiais argentinos os “pichis” tentavam se preservar ao máximo, era melhor está naquele subterrâneo que cheirava mal, que muitas vezes trazia recordação das suas famílias que estavam na Argentina do que serem pegos e terem que obedecer às ordens imposta pelo estado.

Sabendo do poder da mídia era inevitável que o estado também não surgisse com projetos para que a mesma viesse ser usada a seu favor, durante toda ditadura argentina os meios de comunicação foram manipulados pelo governo e publicavam notícias que muitas vezes não era verídica.

Mesmo com todas as dificuldades os pichis tinham acesso a informações do que estava sucedendo na guerra e na Argentina através de rádios “*Mientras tanto, La radio argetina llamaba a pelear: según La radio, ya se había ganado La guerra.*” (FOGWILL, 1983, p.120) , Fogwill nesse momento critica a censura da mídia, como os ditadores tinham o poder sobre a mesma divulgavam o que queriam e o que estava sendo divulgado era que a Argentina estava

ganhando a guerra, no entanto no era o que estava sucedendo, a verdade é que nesse momento muitos soldados argentinos estavam mortos e o Reino Unido era quem estava se sobressaindo melhor na guerra.

A essa altura da guerra os soldados refugiados já estavam mais que certos que era evidente que a Argentina se renderia logo mais, ao chegar quase ao fim da guerra existiam ainda 24 pichis, muitos já haviam morrido por causa das condições precárias do lugar onde estavam, e depois da rendição final dos argentinos um gás tóxico acaba matando a 23 pichis, os quais morreram asfixiados por um descuido, deixando apenas um sobrevivente chamado Quiquito, o qual não estava no túnel na hora do acidente, sendo a única testemunha daquele grupo:

Los recorrió con la linterna. Estaban todos muertos? Sí: Todos muertos. Los conto, tal vez
 Alguno estaba afuera y se había salvado. Volvió a contarlos, veintitrés,
 Más él, veinticuatro: todos los pichis de esa época estaban ahí abajo
 Y él Corrió a la chimenea principal. Todos los pichis parecían dormidos.
 debía ser el único vivo. (FOGWILL, 1983, p.154)

A minuciosidade dos detalhes na obra revela o horror da guerra pela qual os soldados foram submetidos. Somente ao final do romance o leitor percebe que o romance se trata de uma obra de testemunho contada pelo único sobrevivente (Quiquito), que ao comprovar que seus companheiros estão realmente mortos sai devagar do túnel, andando deixando-se levar pelo caminho, sentindo muito pela morte de 23 pichis e ao mesmo tempo conturbado com a situação da guerra e por todo contexto que a Argentina se encontrava.

3 CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como o romance *LOS PICHICIEGOS* de Rodolfo Fogwill traz em seu conteúdo críticas contra a ditadura militar na Argentina entre os anos 1976-1983, por meio de uma linguagem particular da Argentina o autor monta um discurso fragmentado que remetem a ditadura através dos diálogos entre os personagens. Além disso nos permite também a reflexão sobre governos autoritários, o poder centralizado nas mãos de poucos tem muito mais chances de não obter sucesso, enquanto o sistema democrático possibilita que toda a sociedade tenha voz de forma direta ou indireta.

De um modo geral, a obra nos faz refletir numa perspectiva sócio-histórica, é possível perceber o poder da literatura para narrar fatos de uma tamanha complexidade. Muitos

estudiosos, principalmente argentinos tem se empenhado a estudar fontes confiáveis no objetivo de investigar quem verdadeiramente descobriu as Malvinas, porém até agora só restam hipóteses por falta de documentação. É nesse contexto que com a independência da Argentina em 1816, o país reclama que o arquipélago lhe pertence como uma herança espanhola, mas com o domínio britânico o assunto sempre foi uma polêmica, pois não chegavam a nenhum acordo.

Com o regime ditatorial argentino enfraquecido em 1982, Leopoldo Galtieri, ditador da Argentina, decide invadir as Malvinas a fim de que o regime continuasse, já que se tratava de uma causa de orgulho nacional para os argentinos, mas sem muita preparação e armamentos de alta tecnologia o país acaba sendo vencido pelo Reino Unido, que dominava as ilhas desde 1833. Fogwill abrange desde aspectos políticos, sociais e até econômico, para mostrar como a ditadura foi severa, autoritária e que ainda hoje depois de 41 anos do golpe ainda restam tantas incógnitas, fatos a serem esclarecidos, hoje muitos argentinos já adultos ou idosos viveram aquele contexto de horror e garantem que atualmente a ditadura deve ser lembrada como um ato de memória, que jamais desejariam voltar aqueles momentos.

O romance é marcado a todo tempo pelas circunstâncias que enfrentava a sociedade argentina, deixando em evidência os momentos difíceis do país, o qual estava dotado de autoritarismos, de militares que estavam sujeitos a diversos abusos de seus superiores. Permitindo assim, que os objetivos propostos fossem realmente alcançados.

Dada a importância do assunto, torna-se necessário a abrangência de materiais que foram divulgados a pouco tempo a respeito de dados sobre o regime ditatorial na Argentina.

Este artigo destina-se principalmente aos professores de literatura e amantes da literatura em razão da obra abordar não apenas a ditadura argentina em si, como também analisar o contexto social, histórico e político para facilitar o entendimento da obra. Todo suporte teórico utilizado é importante porque por meio deles, todos os que leem este artigo podem entender de uma forma mais clara a obra de Fogwill, e sobretudo é possível conhecer de uma forma mais aprofundada a história da Argentina e está em contato com a experiência de sobreviventes das atrocidades sofridas na ditadura.

ANÁLISIS DE LAS CRÍTICA CONTRA LA DICTADURA MILITAR EN ARGENTINA PRESENTE EN EL ROMANCE “LOS PICHICIEGOS”, DE RODOLFO FOGWILL

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar las críticas contra la dictadura militar en Argentina hecha por el escritor argentino contemporáneo Rodolfo Enrique Fogwill en su romance *Los pichiciegos* publicado en 1983. El romance narra dos problemáticas al mismo tiempo por medio de la ficción, de un lado se narra la guerra de Malvinas y de otro la dictadura militar argentina (1976-1983). El uso de varios recursos literarios permite al autor hacer un puente entre la guerra y el momento de gran represión vivido por los argentinos en sus años de dictadura. El trabajo frisa aun traer el contexto histórico en que se disuelve tales conflictos, pues son de extrema importancia para que se entienda la obra en su sentido amplio. Muchos autores principalmente argentinos tienen se dedicado a estudiar la cuestión de la soberanía de las Islas Malvinas, por lo tanto, la falta de documentación dificulta la respuesta que tanto buscan. Rodolfo Fogwill se preocupa en mostrar a través de su romance lo que la dictadura estaba causando a Argentina y como gobiernos autoritarios hacían con que cada vez más el país no obtuviese crecimiento, haciendo con que la nación argentina fuese marcada por una época de tortura, basada en el miedo, silencio, marcas estas que todavía están presentes en su memoria. Muchos estudiosos, incluso el propio Fogwill reprueban la decisión irresponsable de Leopoldo Galtieri, el dictador que estaba en el poder en 1982, año del conflicto entre Argentina y Reino Unido.

Palabras clave: Rodolfo Fogwill. Dictadura. Argentina. Malvinas.

REFERÊNCIAS

. No olvidar la Guerra de Malvinas. Sobre cine, literatura e historia. **Punto de**, 1994. BBC. **Videla nunca mostrou arrependimento por crimes da ditadura argentina**. 2013.

DUARTE, Paulo de Queiroz. Conflito das Malvinas. Rio de Janeiro: **Biblioteca do Exército**, v. 1, 1986.

ETCHEPAREBORDA, Roberto. La cuestion Malvinas en Perspectiva historica (Historia de la controversia desde el siglo XVI hasta nuestros días). **Revista de historia de América**, n. 96, p. 27-67, 1983. Disponível em: <https://goo.gl/exsmzk>.

FOGWILL, Rodolfo. **Los pichiciegos**: visiones de uma batalla subterrânea. Buenos Aires: Interzona Editora, 2006.

G1. **Capelão da Ditadura Argentina é condenado à prisão perpétua**. 2007.

MENENDEZ: **De la euforia a la derrota**, Parte I. (vídeo)

NAVARRO, Roberto. O que foi a Guerra das Malvinas?. Disponível em: <https://goo.gl/sLZ8f9>. Acesso em 06 de abril de 2016.

NOVARRO, Marcos; PALERMO, Vicente. **A Ditadura Militar Argentina (1976-1983)**: Do golpe de Estado à restauração democrática. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

PHILLIPS, Russell. **Foi por pouco**: breve história da Guerra das Malvinas. 2014.

RÍOS, Marina. La experiencia narrativa de los pichiciegos. **CELA. Centro de Estudios de Literatura Argentina**, 2009.

SARLO, Beatriz et al. Política, ideología y figuración literaria. **Ficción y política. La narrativa argentina durante el proceso militar**, p. 30-59, 1987.

SOUSA, Rainer. **Guerra das Malvinas**: Conflito entre Argentina e Reino Unido. Disponível em: <https://goo.gl/pUcn7Q>. Acesso em 05 de abril de 2016.

Sua Pesquisa, Guerra das Malvinas. Disponível em: <https://goo.gl/6FB4K4>. Acesso em 15 de fevereiro de 2016.

Terra, Guerra das Malvinas. Disponível em: <https://goo.gl/Z4WUX7>. Acesso em 20 de março de 2016.

TRIAS, Rolando Laguarda. El Descubrimiento de las islas Malvinas en 1520 y su Predescubrimiento presunto. **Revista de Historia de América**, p. 51-81, 1994. Disponível em: <https://goo.gl/kI4sKZ>.